

Cidade de cara nova

Léa Ziggianti Monteiro

Devolver a dignidade à zona central de Campinas não vai ser tarefa fácil. Nem imediata. Aos poucos, o Condepacc (Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas) vai tomando consciência do papel de preservar para a cidade o pouco que lhe resta de identidade com o seu passado e com a sua história. Esse órgão que reúne pessoas ligadas a entidades preservacionistas e culturais reúne-se, quinzenalmente, na sala do Secretário de Cultura, sem remuneração alguma, para estudar, de forma racional e moderna, dentro de um conceito atual de urbanismo, como conservar e preservar para Campinas tudo o que a caracterizou e que lhe deu em outros tempos uma justificada fama de cidade limpa e civilizada.

É uma tarefa imensa! Partindo da zona central, que se prostitui no excesso de fachadas escondidas por letreiros de plástico ou de acrílico e que se envolve hoje numa poluição caótica de cheiros, cores, letreiros e sons, a tarefa já nos aparece como quase intransponível.

Todo mundo vê. Ali mesmo, no Largo, onde a Catedral se ergue majestosa, numa auréola de bem tombado pelo Patrimônio Estadual e Municipal, ali mesmo, proliferam o lixo e o desleixo e a auréola se desfaz em barra-quinhas com todo tipo de objetos se pendurando pelas nobres paredes. Mas ainda há mais. A praça é uma feira de faixas e tabuletas, anunciando cursos de enfermagem e de cabeleireiros, sob



os olhos scandalizados dos profetas estáticos e pelas costas do paciente Dom Nery, a estender os braços, desanimado: — Que é que se vai fazer?

Mas é ali mesmo, nas proximidades da Catedral que as linhas determinadas pelo Condepacc começam a atuar firmes e sérias. É que existem jovens arquitetos que, participando da equipe técnica que apóia o Conselho vai, aos poucos, conduzindo os projetos de reforma e construção nas áreas preservadas da cidade, para uma linha de respeito às formas arquitetônicas e aos resquícios das várias épocas

que marcaram a feição e o desenvolvimento do centro urbano.

Agora, quando o proprietário de um imóvel no centro histórico procura a prefeitura para a aprovação do seu projeto, recebe dessa equipe, apaixonada pela cidade e pela sua memória, as sugestões para que a obra se inclua dentro de um projeto-diretor de restauração arquitetônica, sem violentar suas linhas originais.

Foi o caso da “Mongoose” cujo prédio, despojado de metais e acrílicos, surgiu radioso, na sua arquitetura original, pintado de amarelinho, na esquina da Glicé,

rio com a Campos Salles.

É o caso do "Magazine Luiza" que fez suspirar de nostalgia o campineiro, que reviveu um momento áureo, vendo ressurgir no Largo da Catedral, o soberbo prédio do Hotel Terminus, renovado, luminoso, como se tivesse acabado de escovar os dentes.

Ainda há tanto por se fazer. Começo a imaginar o que haverá por trás das fachadas prolixas e confusas da rua Treze de Maio. Existirão fatalmente linhas simples de estruturas passadas, janelas de madeira arejando cômodos de paredes altas, grades e sacadinhas inspiradas. Em Curitiba, o povo acordou em tempo. E restaurou o seu centro nobre, o que lhe deu condições para receber um prêmio internacional pela sua excepcional qualidade de vida.

Parabéns à "Mongoose", parabéns ao "Magazine Luiza". São exemplos primeiros e promissores para uma remissão do centro da cidade. O particular, dessa vez, cumpriu a sua parte. O que carece agora é que a administração, também motivada, comece firmemente a recompor o Largo: cuidando do lixo, fiscalizando os abusos das faixas e alto-falantes, limpando o visual majestoso da Catedral tombada, dos seus acessórios indesejáveis. É preciso cerrar fileiras contra essa Babel injusta em que se transformou o centro da cidade e devolver ao campineiro a qualidade de vida que sempre foi a sua alegria e o seu orgulho.

Léa Ziggiatti Monteiro é advogada e diretora do Conservatório Musical "Carlos Gomes". Jornalista, escreveu no Diário do Povo, de 1962 a 1968, e no Correio Popular, de 1968 a 1981.
